

A COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA IDENTIDADE DO HOMEM DA AMAZÔNIA E A *CRISE* COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DO *ETHOS* AMAZÔNICO

Fabrizio Filizola de SOUZA (1); Elson Antonio SADALLA-PINTO (2); Heliamara Paixão de SOUZA (3)

(1) IFAM CAMPUS COARI, Estrada Coari-Itapéua, S/N, Itamarati, CEP 69460-000 – Coari – AM, e-mail:

ffilizola1976@gmail.com

(2) IFAM CAMPUS COARI, Estrada Coari-Itapéua, S/N, Itamarati Instituição, CEP 69460-000 – Coari – AM, e-mail:

elsonsadalla@gmail.com

(3) IFAM CAMPUS COARI, Estrada Coari-Itapéua, S/N, Itamarati, CEP 69460-000 – Coari – AM, e-mail:

heliamarapaixao@bol.com.br

RESUMO

A história escrita na versão dos europeus relata o interesse dos portugueses e espanhóis em explorar a Amazônia dentro da ótica mercantilista. Juntamente com a Igreja Católica, lançaram mão de um projeto de imposição ideológica e cultural, cujo objetivo era catequizar o nativo à dinâmica das nações européias. Dessa forma, a moralidade européia irradia-se na Amazônia, modificando bruscamente a rotina dos habitantes naturais da região, fragmentando seu ideário e abrindo espaço para implantação dos valores necessários à construção de uma nova identidade que atendesse aos interesses da metrópole. Nesse contexto, o presente estudo objetivou compreender a identidade do homem da Amazônia além das aparências. Para tal, foi utilizada a fenomenologia, método de apreensão da essência das coisas. Foi possível perceber alguns resquícios de resistência na identidade do amazônico moderno às influências estrangeiras, sobretudo a capitalista. Estes resquícios revelam muito sobre a verdadeira identidade deste homem, cuja biodiversidade e a herança dos valores do nativo norteiam seu modo de vida e auto-estima. Assim, pensar as particularidades da Amazônia na perspectiva de *crise* significa entender como o universo da complexidade da natureza e da herança nativa interferem na identidade do homem da Amazônia na perspectiva de resgate do *ethos* amazônico.

Palavras-chave: *ethos* amazônico, fenomenologia, *crise*.

1 INTRODUÇÃO

A história escrita na versão dos europeus relata o interesse dos portugueses e espanhóis em explorar a Amazônia dentro da ótica mercantilista. Juntamente com a Igreja Católica, lançaram mão de um projeto de imposição ideológica e cultural, cujo objetivo era catequizar o homem nativo à dinâmica das nações européia.

O nativo, batizado pelos conquistadores de índio, não era um indivíduo desprovido de conhecimento, virtudes e cultura, mas deveras dotado de ideário e moralidade própria, que ordenavam seu convívio social. Esse universo de conhecimento, cultura e valores característicos do índio habitante da Amazônia é o que entendemos por *ethos* amazônico que, com a chegada do conquistador, foi subjugado e enquadrado a lógica de vida européia.

Neste trabalho, o índio habitante natural da Amazônia será referenciado como nativo, e todos àqueles que descendem destes nativos serão mencionados como homem amazônico ou caboclo.

O processo de colonização da Amazônia resultou em profundas mudanças no *ethos* amazônico, tais como adestramento da vontade e deterioração da identidade do habitante natural da terra, ajustadas aos moldes dos colonizadores.

Nos dias atuais, como resultado desse processo de imposição ideológica e cultural, observa-se uma valorização da moral exógena à nativa, que, com o tempo, passou a ser banalizada. Isso ocorre quando o indivíduo perde seu referencial de mundo, ficando sem identidade. O ser amazônico moderno produzido aos

moldes do colonizador europeu, não vislumbra na figura do nativo o representante autêntico do ideário (*ethos*) amazônico, encontrando-se portando sem referencial mundo.

Nesse contexto, compreender a identidade do homem da Amazônia mediante um olhar fenomenológico significa questionar a estrutura de imposição do ideário estrangeiro, que, ao longo da história, subjuga e inventa a Amazônia segundo suas perspectivas.

A fenomenologia é a ciência que dá o suporte científico e filosófico a compreensão de uma realidade além das aparências; através dela é possível vasculhar as entrelinhas do objeto estudado e vislumbrar sua essência. Com relação à compreensão da identidade do homem amazônico, a fenomenologia nos possibilita perceber os resquícios de resistência deste homem às influências estrangeiras. Estes resquícios revelam muito sobre a verdadeira identidade do ser amazônico.

Se instigado a valorar o *ethos* amazônico, o homem amazônico pode potencializar estes resquícios de resistência em transformações que, ao nosso entender, se traduzem na palavra *crise*. Esta palavra representa a máxima de mutação que tornará possível combater a fementida idéia de inferioridade dos valores nativos em relação aos estrangeiros, introduzida pelos colonizadores na subjetividade do amazônico.

A alienação da identidade desqualifica a existência do homem amazônico. Contudo, o desejo ardente em resgatar os valores outrora desterritorializados denota uma *crise* capaz de romper com construção ideológica e rejeitar à imposição moral que minimiza a autenticidade deste homem. Assim, a *crise* configura-se como axioma capaz de gerar transformações, criar resistências e soluções críticas que questionem o espírito da ideologia dominadora, edificada ao longo do tempo para esquarterar o *ethos* da Amazônia.

O homem amazônico, mesmo julgado preconceituosamente como ingênuo, passivo e até mesmo incoerente, é capaz de se incomodar e (re) significar sua identidade percebendo-se como um ser crítico. O incomodo é necessário porque infringe as conveniências que adormecem o espírito da crítica, reengajando o indivíduo com a sua autenticidade.

Este trabalho é composto de três seções. Na primeira apresenta-se um breve histórico acerca do processo de colonização da Amazônia, atentado para as imposições ideológicas do conquistador europeu sobre o nativo, deturpando sua identidade.

Na segunda, concebemos a identidade do homem da Amazônia a partir de uma compreensão fenomenológica, descrevendo o verdadeiro *ethos* amazônico e seus resquícios de resistência à ideologia dominante.

Na terceira seção, refletimos a *crise* como fenômeno capaz de gerar transformações e neutralizar preconceitos que subjugam a verdadeira identidade do homem amazônico, possibilitando o resgate e valorização de sua autenticidade.

Por fim, nas considerações finais, serão tecidas reflexões acerca da importância de se compreender fenomenologicamente o homem da Amazônia, tendo em vista a originalidade de seus valores, cultura e ideário.

2 A COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA E A IDENTIDADE DO NATIVO: UM HISTÓRICO DE IMPOSIÇÕES

América! Nome dado pelos portugueses e espanhóis às terras do novo mundo em homenagem ao navegador Américo Vespúcio. Além de nomear, os “descobridores” também se acharam no direito de tomar posse do novo continente. Para isso, instituíram tratados – Tordesilhas (1494), Madri (1750) e Santo Idelfonso (1777) – que formalizaram a divisão das terras entre os dois reinos Ibéricos.

O tratado de Tordesilhas definiu os domínios espanhóis a leste da ilha de Santo Antão, no arquipélago de Cabo Verde, cabendo aos Portugueses as áreas situadas a oeste. Os Espanhóis, seduzidos pelas minas de ouro e prata do litoral transandino, consolidaram sua conquista na periferia dos vales dos rios Içá, Japurá e o alto rio Negro, boa parte do território que hoje constitui a Amazônia.

Com a unificação das coroas portuguesa e espanhola na União Ibérica (1580), houve uma permissividade para os colonos portugueses também ocuparem estas áreas da Amazônia, expandido as terras e a influência de Portugal para além do que havia sido estabelecido pelo tratado de Tordesilhas. Assim, a Amazônia teve os portugueses como colonizadores.

A Amazônia era rica em recursos naturais, que mais tarde seriam chamados de drogas do sertão, cuja exploração aqueceria o mercado externo, favorecendo o processo de ocupação de suas terras.

A ambição pelo lucro, a procura “desesperada” por metais preciosos era latente no espírito mercantilista dos colonizadores. Além disso, a necessidade de manter o domínio territorial era uma preocupação das coroas ibéricas, porque a ameaça dos corsários ingleses, franceses e holandeses era uma rotina. Desta forma, os “donos” da terra precisavam assegurar o domínio de suas possessões, bem como desenvolver uma atividade econômica para atrair súditos colonos que pudessem contribuir com o desenvolvimento local.

Assim, a moralidade européia irradiava-se na Amazônia, modificando bruscamente a rotina dos nativos habitantes da região, fragmentando seu ideário e abrindo espaço para implantação dos valores necessários à construção de uma nova identidade que atendesse aos interesses da metrópole.

O incentivo a construção de uma nova identidade era indispensável, tanto para assegurar o poder dos colonizadores como para enquadrar os nativos à dinâmica mercantilista na perspectiva de *fazer a Amazônia*. O nativo, com sua identidade e vontade moldadas, forneceria informações preciosas sobre a região colonizada. Era preciso conhecer as riquezas naturais existentes na região: como a complexidade hidrográfica (furos, igarapés, lagos, fonte de água doce) e a biodiversidade de peixes, plantas e animais.

As várzeas dos rios de águas barrentas, denominadas na linguagem dos nativos de *paraná-tinga*, eram ricas em peixes e com terras propícias à agricultura, em contraste com os rios de águas pretas, pobres em peixes e com terras menos férteis. Além disso, conhecer a floresta e suas dimensões (*caá-tê* das terras firmes e madeiras de lei, e *caá-igapó* das áreas inundadas, com madeiras brancas) era um critério necessário para o desenvolvimento de futuros projetos agrícola, agropecuários, aproveitamento de madeira e até mesmo construção vilas e cidades.

A contribuição do nativo na ocupação da Amazônia foi fundamental, sem ela a tarefa de “descobri-la” seria impossível. Contudo, com o passar do tempo, a fragmentação da identidade e desconstrução ideológica do ser amazônico foi sendo cada vez mais catastrófica.

O ideal mercantilista e a construção de uma nova identidade para o nativo são reforçados com o pacto colonial, por volta de 1880, que define os papéis da colônia e metrópole. O pacto colonial possuía uma dinâmica onde a colônia fornecia matéria prima à metrópole, e a metrópole potencializava essa matéria prima em produtos manufaturados com valor agregado, que eram vendidos nas colônias.

Com o desenvolvimento tecnológico e a revolução industrial no século XIX, um novo cenário desponta na Amazônia, cujo estopim foi à exploração da borracha natural, no início do século XX. Esse recurso transformou-se num produto precioso, que servia de matéria prima ao aquecido mercado da indústria automobilística européia.

A exploração da borracha trouxe mudanças significativas na região amazônica. Vale destacar a explosão demográfica, que contribuiu para nutrir a miscigenação cultural nesta região. Inúmeros imigrantes, sobretudo portugueses e nordestinos atraídos pelas possibilidades de fortuna, organizaram a estrutura econômica, comercial e social da Amazônia.

Os Portugueses dominavam a vida política, social e econômica, tanto na zona urbana como rural da Amazônia. Eram compostos por empresários, comerciantes, trabalhadores liberais e políticos que tinham nas virtudes do capitalismo a motivação. Sujeitar os seres amazônicos aos interesses oligopolíticos e econômicos era vital para manter acesa a lógica capitalista, cuja base de sustentação centra-se exploração.

Os nordestinos, atraídos pela fama da borracha, faziam parte da base trabalhadora cujo perfil era de origem pobre, filhos de agricultores e vítimas da seca, miséria e falta de instrução. Além disso, eram facilmente adaptáveis a rotina severa do trabalho nos seringais, migraram para o norte do país na esperança de conseguir uma vida melhor.

A borracha, matéria prima rentável aos interesses do mercado externo e fonte geradora de lucros exorbitantes, representava esperança de milhares de imigrantes pobres que ansiavam por um trabalho. Assim, a Amazônia sai do anonimato e faz parte do grande mercado capitalista, sendo foco de interesse de um exército de homens ávidos pela fortuna. Além disso, motivou a modernização de cidades como Manaus e Belém, oportunizando a visibilidade da Amazônia no cenário mundial, sobrelevando o isolamento presente desde a colonização e modificando os hábitos e costumes do povo, sobretudo dos nativos.

É patente que a exploração da borracha gerou prejuízo a identidade do nativo, vítima da exploração física e ideológica, foi obrigado a assimilar os valores exógenos e as influências do capitalismo industrial.

É com esse clima de imposições que a metrópole desenvolve seu projeto de conquista ideológica e territorial na Amazônia, cuja fragmentação da identidade do nativo é um resultado marcante. O grande interesse desse projeto era “desestigmatizar” preconceitos que, na ótica europeia, desqualificassem o nativo da Amazônia.

Assim, os conquistadores, motivados pelos princípios mercantilista/industriais, capitalista e religioso, integraram o nativo a dinâmica econômica e religiosa europeia. Através da coação física e ideológica, o nativo foi obrigado a enquadrar-se aos valores dos colonizadores, tornando-se um ser catequizado à nova identidade. Esta identidade implantada, também combatia qualquer manifestação que criasse insubordinação aos interesses da metrópole. Dessa forma, constrói-se a imagem do nativo como um ser passivo, ingênuo, submisso e até mesmo incapaz de questionar. Imagem essa que perdura até os dias atuais.

Assim, o homem amazônico moderno, descendente do nativo, representa a legitimação e sucesso de todo o processo de imposição europeia, que ao longo do tempo nulificou a história, cultura, existência, ideário, identidade e o *ethos* amazônico. O amazônico moderno é um ser aculturado, cuja grande parte de sua identidade encontra-se rendida aos *ethos* dos colonizadores. Os argumentos morais são tão bem elaborados que a própria palavra Amazônia faz parte de uma ideologia imposta pelos colonizadores que precisavam inventá-la aos seus moldes. A partir desse jogo ideológico o homem amazônico passou a hostilizar sua própria identidade e realidade, não se engajando com sua autenticidade nativa.

3 A COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DA IDENTIDADE DO HOMEM DA AMAZÔNIA

O filósofo Michel de Montaigne (1533-1592) realizou reflexões sobre o processo de colonização das Américas. No ensaio *Dos Canibais*, em 1580 (*apud* GONDIM, 2007), Montaigne questiona a visão dos historiadores, que dissertaram trabalhos míopes em relação realidade do novo continente, desconsiderando aspectos primordiais da identidade dos habitantes nativos. Seus questionamentos centram-se na crítica em relação à dissimulação criada pelos conquistadores, cujos argumentos tentam justificar o domínio das novas terras. Montaigne questiona a idéia do colonizador como um homem bom e descreve os “selvagens” como gente de hábitos simples cuja arrogância não estraga suas virtudes, vivem numa sociedade justa e muito diferente das europeias, corroídas pela ambição e pela herança da Inquisição.

Nos gentios há pureza e sabedoria incomum, o pessimismo é inexistente, suas tradições são riquíssimas, sem desigualdades, a terra é um bem que serve a coletividade, o ócio é uma prática constante na vida destes indivíduos. Uma concepção de mundo totalmente diferente do carcomido modelo europeu que está viciado no abuso do poder (MONTAIGNE, 1972 *apud* GONDIM, 2007).

Montaigne questiona, ainda, a construção do ideário criado pelos invasores para desqualificar a identidade do nativo. Ao mesmo tempo, faz uma apologia à riqueza cultural do novo continente, a exemplo, menciona a forma de governo, desprovido de tiranias, superior à República de Platão. “É um paraíso terrestre sem deidades, é a pureza sem o contágio da sociedade corroída pelos vícios da europeia” (MONTAIGNE, 1972 *apud* GONDIM, 2007, p. 83).

Montaigne, desta forma, vislumbra por outra ótica a realidade do novo continente. Realidade esta não considerada pelas historiografias convencionais, que ao longo do tempo omitiram, difamaram e neutralizaram a cultura nativa do novo continente.

Um aspecto interessante é que, embora Montaigne não tivesse conhecido o método fenomenológico, seu modo de perceber e interpretar a realidade social e cultural do nativo aporta-se numa abordagem fenomenológica, cuja característica norteadora é a ausência de preconceitos ou delimitação de uma moral castradora.

A palavra fenomenologia deriva do grego *phainesthai* que significa ‘aquilo que se mostra à consciência do sujeito’. Seu precursor foi Franz Brentano (1838-1917), contudo foi Edmund Husserl (1859-1938) quem fundamentou seus princípios.⁸

A fenomenologia rediscute a clássica questão da relação sujeito e objeto, que ao longo da história da ciência foi influenciada pela teoria cartesiana. O pensamento cartesiano privilegia o dualismo psicofísico, ou seja, a separação do corpo-espírito e homem-mundo. A fenomenologia propõe a superação deste dualismo. Para tal,

centra-se na intencionalidade, que produz uma consciência intencional. Não há consciência pura isolada do mundo (dualismo psicofísico), toda consciência está no mundo. Assim, perceber a realidade com consciência é interagir com o mundo buscando sua essência. Portanto, a fenomenologia surge como proposta inovadora que exalta o saber filosófico como fonte segura de investigação e, ao mesmo tempo, radicaliza a ordem do saber vigente, cujas bases amarravam-se na exclusividade do pensamento cartesiano.

O ponto crucial no pensamento de Husserl centra-se no sujeito. O sujeito é um *eu* capaz de atos de consciência intencional como perceber, julgar, imaginar e recordar; já o objeto é o que se manifesta nesses atos, ou seja, corpos percebidos, imagens, pensamentos e recordações. Além da percepção que o sujeito tem do objeto se faz necessário distinguir como esse objeto se apresenta ao sujeito e a outro objeto. Se for verdade que conhecimento é o que se manifesta à consciência intencional do sujeito, também é verdade que a sensação do perceber é uma fonte de descoberta. Nossos atos intencionais possuem a característica de se referirem a um objeto, e é nessa relação do sujeito com o objeto e do objeto com o sujeito que se manifesta o conhecer intencional. Para justificar esta relação do conhecer intencional, Husserl diz: “Não vejo sensações nas cores, se não coisas coloridas, nem ouço sensações de som, se não a canção da cantora”.

Assim, o que favorece essa descoberta é a intencionalidade do sujeito com o objeto e objeto com o sujeito. Esta relação é a base do método fenomenológico; a intencionalidade é um vetor que potencializa a ação criativa da consciência sobre a realidade. A consciência intencional é fonte de conhecimento e tudo aquilo que se apresenta a nós originalmente na intuição deve ser assumido como se apresenta, tendo em vista não se imprimir uma visão turva da realidade.

O que importa é descrever o que efetivamente aparece à consciência intencional, ou seja, perceber as cores e sentir o som, ao invés de ver apenas o colorido ou ouvir a música, o que nela se manifesta e nos limites que se manifesta. O que se manifesta e aparece é o fenômeno, assim não devemos entender apenas as aparências. Em outras palavras, os dizeres de Husserl podem ser interpretados da seguinte forma: escuto apenas a aparência da música, não a música, sinto apenas a aparência do perfume, não o perfume, tenho apenas a aparência de uma recordação, mas a recordação. As aparências são o que manifestam rotineiramente através de uma simples percepção vulgar ou preliminar acerca do objeto/realidade, contudo, as essências só podem ser vislumbradas mediante uma abordagem fenomenológica.

Nesse sentido, a identidade do homem da Amazônia precisa ser compreendida fenomenologicamente. É sabido que essa identidade ao longo do tempo sofreu influências que danificaram a coisa em si. Influências essas presentes no jogo ideológico criado para justificar uma moral opressora, que confunde a consciência do homem amazônico, descontextualizando sua existência e marginalizando sua própria cultura, cujo resultado materializa-se na percepção de auto-inferioridade em relação às outras culturas.

Ao compreender identidade do homem da Amazônia a partir de uma perspectiva fenomenológica, observa-se que, mesmo diante das influências exógenas, este não perdeu totalmente os traços dos seus antepassados nativos. A herança genética, as semelhanças físicas (morfologia corporal, cor da pele, do cabelo, geometria do rosto), os traços lingüísticos, culinários e culturais estão no seio da identidade do homem amazônico, que, assim como o nativo, tem na biodiversidade amazônica o referencial de mundo que lhe proporciona tudo o que precisa: alimentação, transporte, moradia, lazer, religiosidade. Os princípios da moralidade do amazônico estão ligados à harmonia com seu meio.

Para o nativo não existe a idéia de vida privada, nem rivalidade e hostilidade entre os membros; compartilhar é uma alegria. A sociabilidade em comer peixe ou uma apreciada caça é um exemplo comum. Mesmo no trabalho há harmonia, não há exploração exaustiva, cada membro assume espontaneamente seu papel com engajamento e respeito ao próximo. Seus conhecimentos são apreendidos e aplicados na natureza, na biodiversidade; sua transmissão é feita pelos mais experientes do lugar. A força das tradições tem uma representação vital nos indivíduos, estas tradições são transmitidas entre as várias gerações; o poder da palavra falada é mágico e arrebatador onde não há esquecimento e vulgarização de sua essência. Não existe hierarquia política, nem domesticidade, nem ricos e pobres. Contratos, sucessão, partilhas é tudo desconhecido, em matéria de trabalho só conhecem o ócio.

O homem amazônico moderno, mesmo vivenciando as influências do capitalismo, ainda prestigia alguns desses valores do nativo, até porque a biodiversidade também exerce forte influência sobre seu modo de vida e auto-estima.

A necessidade de comer peixe, de banhar-se no igarapé, deliciar-se com as iguarias da terra, a cesta como prazer em dormir em redes após as refeições, hábito de usar medicina natural amazônica, familiaridade com artesanato amazônico (que inclusive tem grande visibilidade no cenário internacional cuja biodiversidade é a fonte de inspiração) representam necessidades afincadas na vida do homem amazônico. As festas, os arraiais, o turismo e feiras invocam as crendices, lendas e tradições do *ethos* amazônico. O festival do Boi Bumbá de Parintins, da Ciranda em Manacapuru, do Peixe Ornamental em Barcelos, da Castanha em Tefé, do Açaí em Codajás, da Banana em Coari, do Sairé (que exalta a lenda dos botos tuxi e cor-de-rosa) em Santarém integram o conjunto de eventos que engrandecem a estética e ideário do panorama amazônico.

Assim, o homem da Amazônia com a influência do seu real – a natureza, a biodiversidade – cria uma perspectiva fenomenológica particular em assumir o *ethos* amazônico, fonte de auto-estima e conhecimento, qualificando habilidades próprias capazes de desenvolver, perceber, conhecer sua realidade e como esta se apresenta a sua consciência e subjetividade.

Alem da compreensão da legítima identidade do homem da Amazônia, se faz necessário discutir, também a partir de uma abordagem fenomenológica, como será possível resgatar a consciência e a identidade deste homem diante as influências capitalistas vivenciadas no seu dia-a-dia? Em outras palavras, essa questão pode ser (re) formulada nos termos de Husserl: como ter a sensação das cores ao invés de ver apenas o colorido... Como ver verdadeira (essência) da identidade do homem da Amazônia ao invés de perceber apenas as influências (aparências) impregnadas pelo colonizador? A resposta a esta pergunta está na possibilidade de gerar uma *crise* que resgate o *ethos* amazônico.

4 A CRISE COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DO ETHOS AMAZÔNICO

Em nossa convivência na Amazônia, percebemos aspectos no comportamento do homem da Amazônia que, em última instância, podem configurar resistência a ideologia dominante. Podemos citar a dificuldade do homem amazônico em se adaptar a rotina severa do trabalho, o senso coletivista, a resistência ao empreendedorismo, a simplicidade dos hábitos e o respeito à natureza. Esses são valores que constituem a personalidade do amazônico e a possibilidade de produzir *crise*. Em nossa compreensão fenomenológica apreendemos tais valores como traços herdados do que chamamos de *ethos* amazônico.

A influência da natureza sobre a consciência do amazônico é extremamente forte, criando uma cultura coesa que gera um respeito formidável a biodiversidade, cujo grande desafio é explorá-la. Esta influência inflama no amazônico o desejo de assumir categoricamente o *ethos* amazônico. O entusiasmo é tão intenso que, mesmo sorvendo as influências capitalistas, o amazônico conserva a essência dos traços nativos, não cedendo completamente aos impactos destas influências.

A resistência amazônica está mais presente fora do circuito dos grandes centros urbanos. É nos lugares mais distantes, em meio à diversidade geográfica e a falta de comunicação que a personalidade do amazônico é mais característica. Freia a velocidade dos valores capitalistas; esta personalidade preserva com simplicidade o ideário amazônico, mesmo com as investidas do capitalismo nesta parte do planeta.

Apreendemos a Amazônia conectada a uma grande rede cuja lógica vital é globalização capitalista. Questionar, resistir e confrontar esta lógica, tendo em vista a perspectiva de resgate do *ethos* amazônico, é o que, nesta reflexão, entendemos por *crise*. Silva (1997, p. 129) afirma que os impactos da globalização na Amazônia “refletem ou dinamizam mudanças culturais, perspectivas de autodeterminação social, de interlocução mundial e, ainda, o imaginário universal”. O impacto da globalização ensejará uma reflexão, crise ou necessidade de autodeterminação no imaginário amazônico cujo resultado desse processo será a possibilidade de resgate, esclarecimento e respeito à identidade do nativo. Assim, homem da Amazônia precisa assegurar a defesa de seus interesses na sua própria realidade.

A palavra *crise* surgiu na literatura médica e indica o poder de decisão do médico diante do tratamento de uma grave doença, definindo um procedimento cujo objetivo é aliviar o sofrimento do paciente. Assim, esta palavra tem como essência a perspectiva de transformação ou mudança de paradigma.

A crise, como fenômeno capaz de gerar transformações, tem na crítica um instrumento questionador da ordem vigente. Sócrates (469-399 a.C.), filósofo grego, percebe a crítica como uma virtude inerente à alma racional. O sábio ensina que a alma possui uma natureza inquietante e, por isso, crítica. O pleno exercício da crítica instiga mudanças de atitudes, encorajando o sujeito a transformar sua realidade.

O homem da Amazônia, como um ser crítico e provido de uma racionalidade, é capaz de questionar a ordem vigente que banaliza sua identidade e subjetividade. Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, percebe que é pela angústia que o homem pode superar as suas insatisfações e rotina, que produz o comodismo e adormece o poder humano de interferir na realidade. A angústia é uma maneira eficiente para libertar o homem do comodismo, aflorando-lhe a liberdade em pensar sua realidade, sendo capaz de (re) significar-se e construir resistências ao marasmo. Assim, é possível concluir que o amazônico é capaz de angustiar-se e criticar àquilo que lhe incomoda, assimilando a crise como meio eficiente de melhorar sua realidade e reconstruir sua autenticidade e auto-estima.

A imagem inventada pela ideologia dominante do amazônico como ser passivo e ingênuo representa um entendimento que não condiz com sua real identidade. Essa ideologia impõe seus *ethos* agredindo a identidade deste homem, angustiado-lhe. É pela angústia que se altera a rotina que banaliza a vida. Assim, o amazônico angustiado, um ser crítico e interado com sua realidade, é capaz de transgredir a influência desta ideologia.

O senso crítico do ser amazônico manifesta-se através da luta de Ajuricaba, militante indígena e questionador dos abusos dos colonizadores que escravizavam seus irmãos nativos. Podemos ainda referenciar a luta da Cabanagem, manifestação revolucionária com grande repercussão social composta por índios, caboclos e brancos pobres movidos pelo espírito da crise, cujo objetivo era combater as arbitrariedades dos colonizadores e preservação dos seus ideais.

Podemos citar, ainda, a epistemologia amazônica como ferramenta capaz de alterar a imposição da ordem vigente e encorajar os indivíduos a buscarem continuamente sua autenticação. Sabemos que o conhecimento é um fenômeno universal, presente em qualquer cultura e espaço. Desse modo, o amazônico como um ser pensante possui epistemologia própria, imbricada com a herança do nativo. Além disso, destacamos a inteligência e criatividade destes sujeitos.

Como exemplo dessa epistemologia e inteligência, destacamos a medicina amazônica natural, que emprega ervas amazônicas para curar com eficiência diversas moléstias. A questão epistemológica está no conhecimento, aplicabilidade e exatidão na manipulação destas ervas para curar os males do corpo e do espírito. A própria natureza oferece os recursos necessários para o desenvolvimento da biotecnologia amazônica e o engrandecimento do saber dos indivíduos que a habitam. A figura do curandeiro representa um sábio que tem a ciência de interpretar os fenômenos da natureza.

O artesanato amazônico possui uma estética impressionante capaz de imprimir a sensibilidade do amazônico e a riqueza de sua terra, fauna, flora, hidrografia, crenças, a antropologia e história. O olhar desse homem sobre seu lugar impressiona pela grandeza de sua criatividade e habilidade em desenvolver seus trabalhos artísticos. Não deixando a desejar em nada as outras manifestações artísticas. Podemos exemplificar, ainda, a arquitetura amazônica, edificada de acordo com as peculiaridades climáticas da região, suas construções preservam conforto e espaço para sociabilidade.

Portanto, podemos apreender que o amazônico constitui-se num ser inteligente e criativo, integrado com sua realidade e portador de uma epistemologia fantástica, sendo capaz de angustiar-se, criticar e liberta-se do comodismo, não podendo de modo algum ser julgado inferior ou desprovido de conhecimento. Sua discrição, simplicidade, inteligência e hábitos podem (re) significar sua existência, construindo a partir daí uma lógica própria de desenvolvimento social e cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões deste artigo buscaram inspiração nos dizeres do filósofo alemão Nietzsche (1844-1900): pensamentos estão prontos para serem colocados em prática. A filosofia pode impulsionar as ações do ser humano a uma vida mais digna de ser vida, dar uma nova feição a sua realidade. O sábio diz que a força do pensamento possui uma natureza questionadora. Os questionamentos são pequenos lembretes que nos trazem de volta a nós mesmos quando nos perdemos no trabalho, na família e até mesmo nos fenômenos das crises geradas pela realidade do homem.

Podemos construir uma percepção diferenciada sobre a Amazônia, instigando um pensar que desmistifica os valores implantados para enfraquecer a moralidade amazônica. Esses valores buscam adequá-la aos princípios do sistema dominante, que possui suas bases na exploração das riquezas, do espaço, da cultura e

da vontade do caboclo. Além disso, esses valores impregnam virtudes que catequizam a moralidade do amazônico, tornando sua cultura refém de outros costumes.

O senso de cooperação, divisão, coletividade e simplicidade não podem ser interpretados como ingenuidade ou passividade, pelo contrário, o espírito do caboclo é convertido segundo as leis da biodiversidade amazônica, a qual proporciona tudo o que precisa para sua existência. Em lugar nenhum no mundo existe tanta diversidade de plantas, animais, peixes, aves, insetos, rios e a própria extensão de floresta virgem como na Amazônia. Este cenário exerce influências sobre a cultura, economia e diversos outros aspectos da vida do amazônico, criando o ideário da fartura na consciência desses indivíduos.

É sobre tudo nessa ótica que devemos considerar a Amazônia como um espaço especial na medida em que os costumes nativos e a biodiversidade determinam os traços sociais, culturais, ideológicos e o próprio senso crítico do ser amazônico. Este ente, ao longo da história, vivenciou imposições culturais e ideológicas que mistificam a Amazônia como alvo de convergência dos valores capitalistas. Contudo, mesmo vivenciando estes valores, o amazônico abriga na sua subjetividade resquícios de resistência que invocam o modo de vida de seus antepassados nativos.

A crise na forma de crítica provoca instabilidade política, econômica e transformação social, estimula a construção de uma consciência criativa e encorajadora. Assim, pensar as particularidades da Amazônia na perspectiva de crise significa entender como o universo da complexidade da natureza e da herança nativa interferem na identidade do homem da Amazônia na perspectiva de resgate do *ethos* amazônico.

REFERÊNCIAS

ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**, vol. III. 6 ed. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia: análise do processo do desenvolvimento**. 2 ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

MONTAIGNE, Michael de. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Os pensadores, vol. XI.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica, 1887**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80134.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2010.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas**. 6 ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

RIBEIRO, Adalberto Carvalho. **Racionalidade camponesa e instituições: reflexões sobre o desenvolvimento da Amazônia**. Disponível em: <<http://www.planetaamazoniappgdapp.com.br/fasciculos/1/02.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18 ed. São Paulo: Editora Record, 2009.

SILVA, Marilene Corrêa. **Globalização e Amazônia**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 11, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n02/v11n02_15.pdf>. Acesso em: 03 maio 2010.